

## DOIS NEMOS E DOIS MUNDOS:

### A fantasia e o real nas narrativas literária e fílmica destinadas aos jovens

Dheiky do Rêgo Monteiro Rocha \*

#### Resumo:

Este artigo propõe-se a analisar a presença da fantasia e do real em duas narrativas que utilizam linguagens distintas: *Procurando Nemo* (2003), obra fílmica do cineasta americano Andrew Stanton, e *Nemo, o peixinho filósofo* (2009), obra literária do escritor piauiense Assis Brasil. Esse diálogo entre literatura e cinema será apropriado para se entender o protagonismo dos personagens homônimos, Nemo, bem como apresentar as semelhanças acerca de seus comportamentos nas narrativas. A partir de estudiosos e pesquisadores sobre cinema, como Luiz Carlos Merten, e literatura infantojuvenil, como Zilberman e Magalhães, buscar-se-á a compreensão do papel da fantasia e do real na produção cultural destinada aos jovens.

**Palavras-chave:** Literatura infantojuvenil. Relação literatura e cinema. Relação fantasia e real.

#### Considerações iniciais

A produção cultural para os jovens, no século XXI, vem propiciando possíveis diálogos entre as artes, dentre eles a literatura e o cinema. Esse diálogo pode ser percebido a partir das similaridades ou aproximações nas formas narrativas. Em razão do compromisso criativo entre os que produzem arte para os jovens, sejam leitores ou espectadores, as suas criações podem surpreender esse público, dependendo da forma como elaboram suas histórias. Mas quando essas histórias mesclam real e fantasia, atraem ainda mais o público leitor/espectador.

Parece que a fórmula de atribuir vida humana aos animais nas narrativas, nomeando-os como gente e atribuindo-lhes relações interpessoais, garante um sucesso de atratividade junto ao público. Talvez essa transferência de hábitos e ações humanas para os seres animais seja uma herança das fábulas que foram propagadas pelo mundo. Essa possível comunicação entre os animais ou entre animais e humanos pode ser um fator importante na narrativa para o alcance das razões criativas de escritores ou cineastas. O certo é que a repercussão de suas criações pode gerar transformações nesses sujeitos leitores. Sobre essa especificidade, a literatura para crianças ratifica:

---

\* Mestrando em Letras e Especialista em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI); Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O antropomorfismo define-se pela atribuição de comportamentos humanos a seres não-humanos. Constata-se, então, que a antropomorfização de animais e objetos corresponde a uma etapa do desenvolvimento cognitivo infantil, constituindo-se num elemento significativo para a compreensão do papel dos animais na literatura dirigida à criança. (MAGALHÃES, 2001, p. 44)

Quanto a essa humanização dos animais no cinema, Luis Merten (1990, p. 57) destaca que “é como se uma das mensagens do cinema infantil fosse a ideia de que pessoas e animais podem viver em harmonia. E que, do nosso respeito pelos demais seres vivos, depende o futuro que estamos construindo.” No intuito de coadunar com esse ideário observado anteriormente na cinematografia infantil, na literatura para as crianças podemos citar Zilberman (2003, p. 69) quando fala de um “sentido autêntico” na literatura para a infância, onde “somente quando a meta se torna o exercício com a palavra”, constituindo nessa meta “as particularidades da criação artística, que visa à interpretação da existência que conduza o ser humano a uma compreensão mais ampla e eficaz de seu universo, qualquer que seja sua idade ou situação intelectual, emotiva e social”. As crianças e jovens, já que são indivíduos em formação, podem apreender melhor as experiências da vida real, por meio da fantasia criada por escritores e cineastas.

Este trabalho tem o objetivo de analisar a fantasia e o real nas narrativas fílmica e literária, respectivamente, *Procurando Nemo* (2003), do diretor americano Andrew Stanton e *Nemo, o peixinho filósofo* (2009), do escritor piauiense Assis Brasil. A busca dos protagonistas pelo conhecimento é o fio condutor comum em ambas as narrativas. Os dois *Nemos* trilham caminhos aventureiros em suas investidas rumo ao desconhecido, àquilo que está além de seu espaço familiar, reconhecível.

### **A fantasia e o real no cinema e na literatura**

Na década de 1980, a preocupação com o lazer das crianças, se dava, principalmente, com relação ao hábito de assistir a programas de televisão que poderiam alterar-lhes o comportamento. O crítico de cinema Luiz Carlos Merten (1990) traz em seu ensaio *O cinema e a infância* o seguinte questionamento: “ainda existe espaço para o cinema infantil?” (MERTEN, 1990, p. 44). De imediato, respondemos que sim. São filmes de longa-metragem, animações, animações em 3D, uma diversidade de formas apresentadas às crianças, na tentativa de fisgar o gosto delas pela narrativa fílmica. Mas essa postura da indústria cinematográfica, que muitas vezes constrói adaptações a partir de livros infantojuvenis não

quer formar um público leitor de imagens, mas sim dotá-lo de capacidades além da simples decodificação ou do simples fato de lucrar com essa produção cultural. O público tem a seu favor grandes cineastas, diretores e produtores, cujas ideias convergem para formar um leitor que tenha visão crítica de mundo, mesmo quando nos apresentam os temas mais simples, na opinião de alguns. A criatividade de quem cria ou recria cada personagem vai colaborar para a rede de sentidos que se constrói diante da tela.

O espaço alcançado pela indústria cinematográfica junto ao público infantojuvenil é bastante notório quando vemos os números de ingressos que se esgotam rapidamente nos lançamentos dos filmes. Conforme Merten (1990, p. 45), Walt Disney é considerada “uma verdadeira indústria do lazer”, que no século XX influenciou a sensibilidade infantil. Desde o aparecimento do camundongo Mickey Mouse, em 1928, até o peixe-palhaço Nemo (2003), podemos dizer que Walt Disney continua presente na formação dessa sensibilidade. Nesse período de vida, os contextos sociais se modificaram, por isso, a necessidade de diversificar as temáticas produzidas em cada filme. O público infantojuvenil gosta de histórias bem elaboradas, em que haja fantasia e realidade juntas, como dois mundos imbricados. Desde o surgimento da literatura infantil que essa prática imaginativa tornou-se muito positiva para a formação da criança. Como considera Merten:

o cinema é um brinquedo maravilhoso. Não é só a arte contemporânea do homem, mas a arte criada pelo homem contemporâneo, a única realmente moderna, como escreveu Walter da Silveira. [...] Interessa-nos o cinema como um brinquedo maravilhoso, capaz de dar sentido à fantasia não apenas de quem faz, mas também de quem vê filmes. (MERTEN, 1990, p. 45)

A produção cinematográfica de Walt Disney para as crianças foi em sua maioria voltada para o universo antropomórfico do desenho animado, em que o aspecto de confronto entre o bem e o mal é bastante recorrente, materializando de forma contundente “o sonho americano” de uma época com contextos propícios. Atualmente, a Walt Disney trilha por um caminho que privilegia a representação da criança nas histórias criadas, ou seja, sensibilizando o jovem para que ele possa ocupar de forma inconsciente o lugar do protagonista, no caso estudado neste trabalho, o lugar do peixe-palhaço. As assimilações instantâneas da cena provenientes dos filmes atuais são ainda maiores que na década de 1960 quando Marshall McLuhan (*apud* MERTEN, 1990, p. 49) referia-se ao público como “geração de mentalidade visual”. Estamos falando de um público que hoje tem até mesmo a experiência de se sentir na cena, através da produção em 3D. As animações computadorizadas ganharam espaço no mercado cinematográfico, principalmente para o público infantojuvenil

que, naturalmente, tem preferência por essa linguagem renovada. Como afirma Merten (1990, p. 49), “[...] graças à geração da mentalidade visual, toda a sintaxe da tela passou e ainda está passando por uma mudança”. Esse movimento de mudanças na linguagem do cinema, ao que parece, acompanha os contextos sociais, os quais estão sempre em transformações.

Na literatura infantojuvenil não é diferente esse movimento de transformações, embora na linguagem cinematográfica as ferramentas apreendam com mais facilidade o espectador (leitor). A assimilação do sentido gerado pela expressão verbal ainda está em desvantagem da expressão audiovisual. Por isso, talvez a proposta de analisar esses dois suportes diferentes de narrativas, o livro e o filme, cada um com suas especificidades, não promova o embate dessas artes mas o diálogo. Com isso, a percepção do jovem leitor pode ser ampliada, através dessa dupla via de sentidos, o olhar e a palavra, gerando, paralelamente, visões de mundo apreensíveis ao construto humano. Essa comparação acertada legitima os estudos relativos à literatura e cinema no âmbito infantojuvenil, haja vista que as produções de ambas aumentam a cada dia para este público.

### **Dois Nemos**

O filme *Procurando Nemo*, de Andrew Stanton, é uma obra protagonizada pelos peixes-palhaço Marlin (pai) e Nemo (filho). Inicialmente, a narrativa é ambientada na Grande Barreira de Coral, na Austrália, lugar natal onde essas espécies convivem harmoniosamente com outras, como as anêmonas que as protegem dos predadores. No meio de mais de 400 ovas, Nemo foi o único sobrevivente, após o ataque de um peixe predador rápido e voraz, uma barracuda, resultando também no devoramento da mãe, chamada Coral. Marlin, um peixe dedicado à família, sofre com a ausência da companheira, mas supera o episódio protegendo o seu filho. Nemo é um peixinho diferente (com a nadadeira direita menor) e sedento por conhecimento. No primeiro dia de aula na escola é envergonhado pelo pai na frente dos colegas, e isso faz com que Nemo desafie o pai, indo para o mar aberto, além do limite espacial permitido por Marlin. Essa atitude desafiadora custa um preço alto para Nemo, que é capturado por mergulhadores para fazer parte de um grupo de espécies marítimas no aquário de um consultório odontológico. Esse evento é o motivador de toda a história, fazendo com que Marlin incursione por diversas aventuras no oceano.

Na busca pelo filho, Marlin conhece outras personagens, como Dory, um peixinho-fêmea, simpática e falante, da espécie “cirurgião-patela”, que sofre de perda de memória

recente e que o acompanha na jornada a procura do pequeno Nemo. Enquanto isso, o peixinho-palhaço faz amizades com outras espécies de peixes no aquário, além da estrela-do-mar. Os perigos marítimos são inúmeros até chegar ao paradeiro de Nemo, entre eles, o trio de famintos tubarões, as águas-vivas, uma baleia azul, as gaivotas esfomeadas, em contrapartida outros personagens ajudam Marlin, como o cardume de peixes, que indica o caminho (a corrente leste australiana) até Sydney, local onde está Nemo; a tartaruga-marinha Crush, que o resgata das águas-vivas. No aquário, a situação fica mais complicada porque Nemo descobre que será um presente para a sobrinha do dentista, Darla, uma garota nada simpática e nada amável com os peixes. Isso apavora a todos no aquário, temendo pela vida dele. É quando planejam a fuga de Nemo do aquário, mas a primeira tentativa não funciona. Marlin conta a sua história às tartaruguinhas que estão na corrente leste australiana e em pouco tempo todos os seres do mar ficam sabendo do ato de bravura do pai em busca do filho. Quando a história chega aos ouvidos das aves, o pelicano Nigel, amigo dos seres do aquário, avisa Nemo das aventuras de seu pai para encontrá-lo e da sua chegada a Sydney. Esses fatos encorajam Nemo e ele tenta mais uma vez o plano de fuga do aquário, concebido pelo peixe ídolo-mourisco Gil, mas não obtém sucesso.

Quando Darla chega ao consultório, Marlin já está com Dory na baía de Sydney, onde quase são devorados por outro pelicano, mas graças a Nigel, eles são salvos do pelicano e das gaivotas famintas. Nigel invade o consultório e causa uma confusão, enquanto Gil faz com que Nemo vá parar no mar através do encanamento do consultório. Dory encontra Nemo e o leva até Marlin. O reencontro é surpreendido por uma grande rede que captura um cardume de peixes, além de Dory. Nemo tem uma ideia e pede aos peixes que nadem para baixo, isso faz com que a rede se desprenda do barco e todos se libertem, e mais uma vez a harmonia reina na vida desses peixes-palhaços e de todos os seres que vivem na Grande Barreira de Coral.

O livro *Nemo, o peixinho filósofo*, de Assis Brasil, tem uma narrativa em que a fantasia e a realidade se fundem, por meio do relacionamento adulto/criança/animais. O protagonista da história é o comandante Nemo, um peixinho inteligente e notável para frases filosóficas; foi apanhado entre os rios Parnaíba e Gurgueia, em águas do Piauí, estado do nordeste brasileiro, juntamente com sua companheira, Débora. Os peixes-vela viviam com José Deolindo, conhecido como Zé Déo, e foram batizados com nomes de gente por Dilermando, chamado de Dil, seu sobrinho de doze anos. Tio Zé Déo criava os peixinhos por recomendação médica, devido à perda da sua esposa Filomena, que o deixara depressivo. Isso teve um ótimo efeito no comportamento do tio Zé Déo, tornando-o uma pessoa muito alegre.

Além dos peixinhos, ele também criava passarinhos. Dil queria se comunicar com o casal de peixes, que vivia em harmonia. Nas investidas por uma comunicação com os peixinhos, aproximou-se do aquário, concentrou-se e conseguiu tal façanha. Assim, foi descoberto um canal de comunicação entre os dois, garantindo a sintonia nos diálogos que envolvia uma troca de conhecimentos. Dil descobriu que Nemo gostaria de conhecer o mundo terrestre, o mundo do outro lado do vidro do aquário. A curiosidade de Nemo fez com que o garoto tivesse uma ideia: inventar uma roupa equipada para o Nemo poder respirar fora d'água, um escafandro invertido. A roupa seria toda adaptada para se encaixar no peixinho-vela, em lugar do tanque de oxigênio teria um tanque de água. O veterinário Evaristo foi chamado para a missão de acompanhar esse procedimento, mas achou tudo muito absurdo e foi embora.

Nemo e Débora tornaram-se pais, gerando filhotes “bonitinhos”. Um outro médico foi chamado, dessa vez o doutor Orlandino, médico da mãe de Dil, Dona Carmosina. O doutor Orlandino aceitou acompanhar a “operação”. Nemo saiu do aquário com todos os equipamentos criados por Dil e conseguiu realizar sua vontade de conhecer o mundo fora do aquário. E quis ir mais longe, até à rua, onde estavam carros e outras pessoas, mas desmaia devido a tanta informação diante de seus olhos. A apreensão toma conta de todos e Nemo quase morre, se não fosse a providência do doutor Orlandino ao injetar uma dose de coramina no peixinho. Todos temiam que Nemo não conseguisse voltar para o aquário com vida, para junto de sua família. Mas Nemo reagiu e conseguiu retornar ao lar, recuperando a sensação de amor e paz transmitida por todos que vivenciaram o episódio fantástico da sua jornada aquática/terrestre.

### **Um diálogo entre o filme e o livro**

Como a busca pelo conhecimento é o eixo que imbrica as duas narrativas, a combinação de fantasia e realidade pode ser percebida através de algumas temáticas, como *o relacionamento entre adulto/criança/animais, o conhecimento fora do espaço natural, os questionamentos e reflexões.*

O relacionamento entre adulto/criança/animais é muito marcante nessas narrativas. As relações dos indivíduos, ao longo das duas histórias, trazem visões de mundo que se consolidam no imaginário infantojuvenil através da fantasia e do real. Esse pacto narrativo, posto aos jovens leitores, promove uma formação cognitiva e um olhar crítico para tudo que está à sua volta. No filme e no livro, esse aspecto é desenvolvido nos diálogos entre os

personagens antropomorfizados. Em *Procurando Nemo*, podemos observar essa construção no diálogo a seguir:

Marlin: – Quantas listras? Fala!  
 Nemo: – Eu tô bem.  
 Marlin: – Responde! – Quantas listras?  
 Nemo: – Três.  
 Marlin: – Não. Viu, você não está bem. Eu tenho uma, duas, três. Não tem mais? Tá bem. E a nadadeira da sorte?  
 Nemo: – Dá sorte! (PROCURANDO Nemo, 2010, 05'45''-05'57'')

A diferença do peixinho Nemo para os outros da mesma espécie é marcada por sua nadadeira direita que é menor, tornando-o especial para demonstrar sua importância naquele universo, e não para marcá-lo como deficiente. Com esta visão de mundo transmitida ao espectador, o diretor pretende desenvolver suas opiniões acerca dos que são excluídos de uma determinada classe.

Já em *Nemo, o peixinho filósofo*, exemplificamos com a seguinte visão de mundo:

Então mais um dia, mais uma expectativa, mais uma esperança... de que agora fosse tudo mais fácil na comunicação com o comandante Nemo. Não seria bom eu primeiro dizer pra ele que fora batizado com um nome... um nome de gente? Daí já poderia estabelecer uma diferença entre um peixe e um menino, quero dizer, entre um peixe e um homem. Duas espécies de animais diferentes, Nemo, e assim era o resto do mundo. (BRASIL, 2009, p. 45)

Nesse trecho anterior, o garoto Dil deixa claro na narrativa que existe diferença entre homens e animais, demonstrando ao peixe que foi nomeado com nome de gente. Essa postura define as posições desses seres no nosso planeta, definindo as conexões de comunicação entre eles para uma harmonia entre as espécies. Somente através dessa interação é que o respeito mútuo entre os seres se tornaria imperativo nas relações dos seres vivos na Terra.

Os dois Nemos são “sedentos” por conhecimento fora do espaço natural. Esse desejo de conhecer o que está além do seu espaço reconhecível tem consequências nos eventos das duas narrativas. No filme, Nemo é capturado quando desafia ir para o mar aberto:

Peixinho-criança: – Olha só, o Nemo tá nadando em alto-mar!  
 Marlin: – Nemo! O que é que você tá fazendo aí? Você vai ficar preso e eu vou ter que ir aí te pegar antes que outro peixe faça isso. Volta já pra cá! Eu disse volta pra cá, agora! (PROCURANDO Nemo, 2010, 13'45''-14'06'')

No livro, Nemo quase morre ao sair do aquário: “O comandante Nemo está passando mal – gritou o médico – A água já não está sendo suficiente para mantê-lo vivo. Temo pelo

pior...” (BRASIL, 2009, p. 89). Essas atitudes corajosas demonstram que quando os seres não conhecem um espaço têm que ter cautela nas suas ações. Embora o Nemo de Assis Brasil tenha sido capturado do seu âmbito natural, o rio, ele já considerava o aquário como um espaço familiar. Aliás, o aquário está presente nas duas narrativas, com a diferença que no filme é posto como prisão e no livro como lar. Como podemos perceber no seguinte trecho, em que Nemo questiona: “– O que é aí fora? O que é isso aí? A nossa casa é bem aqui... e aí o que é?” (BRASIL, 2009, p. 44). O reconhecimento de outro mundo, outro território, é pertinente para a ampliação de visão de mundo dos sujeitos históricos. Os dois mundos apresentados nas narrativas, o aquático, como natural, e o terrestre, como o da civilização humana (o estranho), transferem para o leitor a possibilidade de uma interação com os animais. Além disso, a sensibilidade infantil é provocada pelos dois mundos, o da fantasia e do real.

Os questionamentos e reflexões nas narrativas, em estudo, estão ligadas ao construto humano e ao construto do universo, ou seja, de tudo aquilo que nos rodeia. Na narrativa fílmica de Andrew Stanton, o espectador assimila, através da sua sensibilidade, algumas reflexões evidenciadas na narrativa, como a própria busca incessante do pai pelo filho. Essa observação pode ser feita no seguinte diálogo entre as cegonhas: “– Eu espero que ele consiga. Isso é que é um pai dedicado, se você quer saber.” (PROCURANDO Nemo, 2010, 56’47’’-56’54’’). Parece que há uma intenção do cineasta em propagar uma postura heróica, própria dos pais, enquanto guardiões de seus filhos. Na narrativa literária, existe a presença de questionamentos acerca de Deus, do Criador do universo:

– Espere aí, tio, o comandante Nemo está me mandando uma mensagem. Ele quer saber quem criou... quem inventou o do “lado de dentro” e o do “lado de fora”... Tio, me ajude, como é que eu vou falar, para um peixinho de aquário, quem é Deus? Quem é o criador de todas as coisas? A ideia de Deus vai caber na cabecinha dele? (BRASIL, 2009, p. 60).

O Nemo de Assis Brasil já anuncia no próprio título da obra sua característica singular, a de ser filósofo. Portanto, com essa virtude os questionamentos e reflexões são naturalmente colocadas na narrativa pelo protagonista, como podemos constatar o veio filosófico do peixinho nos seguintes trechos: “– A harmonia do todo foi que criou tudo – ele disse e meu tio só faltou babar na gravata, quero dizer, na camisa.” (BRASIL, 2009, p. 61) – um pensamento de São Tomás de Aquino, de acordo com o escritor; e “– Somos a beleza e a harmonia num sentido amplo de viver: uma família.” (BRASIL, 2009, p. 77), concordando com o pensamento de São Francisco de Assis, conforme o escritor. Considerações filosóficas

dessa natureza demonstram que o peixinho tem um certo conhecimento ético para um bem estar individual e coletivo. Aliás, nas duas narrativas a harmonia e a paz prevalecem, sendo transmitidas à sensibilidade infantil. É por meio da fantasia que o peixinho-vela e o peixinho-palhaço podem construir realidades nas duas narrativas dirigidas às crianças e adolescentes.

### **Um diálogo em retrospecto**

O diálogo entre essas narrativas foi possível a partir das questões observadas neste estudo. Mas podemos também perceber, em ambas narrativas, um diálogo com uma obra clássica, lida por jovens e adultos: *Vinte mil léguas submarinas*, do escritor francês Júlio Verne, uma história protagonizada pelo capitão Nemo, em que seu fantástico submarino, o Nautilus, provocou a imaginação do mundo, concluindo que tal máquina tratava-se de um monstro marinho (VERNE, 2007). Em viagens pelos continentes, esse submarino, que percorreu uma distância surpreendente sob as águas do planeta, talvez tenha influenciado a imaginação criadora do cineasta Andrew Stanton e do escritor Assis Brasil. As referências a essa obra canônica da literatura universal pode ser constatada, explicitamente, nos nomes dos protagonistas e em outros elementos da narrativa. A menção a essa narrativa literária é para mostrar que as obras podem ser influenciadas por outras já escritas anteriormente, como afirma Eagleton (2001, p. 17): “Todas as obras literárias, em outras palavras, são ‘reescritas’, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma ‘reescritura’”. Ainda para confirmar nosso argumento, estendemos o pensamento de Julia Kristeva à narrativa fílmica, considerando-a também como um texto, ao dizer que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se o da intertextualidade [...]” (KRISTEVA *apud* NITRINI, 2000, p. 161). Portanto, isso permite arriscarmos afirmar que o diálogo realizado nesse trabalho traduz a permanência da fantasia e do real na narrativa infantojuvenil, através da citação da obra infantojuvenil de Júlio Verne.

### **Considerações finais**

A literatura e o cinema são expressões artísticas distintas, a primeira sendo verbal e a segunda audiovisual, mas têm estreitos laços quando o objetivo é atrair o leitor/espectador

para a dimensão da narrativa. Essas duas artes possuem técnicas específicas que contribuem para o envolvimento do público com a história. Quando realizamos a comparação da narrativa literária com a fílmica, trazemos à tona discussões e olhares que serão importantes para a compreensão dos textos, tanto no processo de criação quanto no de recepção. Os textos analisados demonstraram que o diálogo entre essas duas artes é possível e que as semelhanças identificadas nas narrativas foram importantes para fortalecer o elo entre o livro e o filme. Assis Brasil e Andrew Stanton, como criadores dessas narrativas, contribuíram para a produção cultural dirigida ao público jovem (crianças e adolescentes), proporcionando a esses sujeitos visões de mundo que os ajudarão a construir a sua própria visão sobre si mesmo e o universo que o rodeia.

## Referências

- BRASIL, Francisco de Assis Almeida. *Nemo, o peixinho filósofo*. Teresina: Nova Aliança, 2009.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura infantil: a fantasia e o domínio do real*. Teresina: EDUFPI, 2001.
- MERTEN, Luiz Carlos. O cinema e a infância. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 43-59.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.
- PROCURANDO Nemo. Direção e Roteiro: Andrew Stanton. Co-Direção: Lee Unkrich. Produção: Graham Walters. Estados Unidos: Walt Disney/Pixar Animation Studios, 2010. 1 DVD (100 min), color.
- VERNE, Júlio. *Vinte mil léguas submarinas*. Tradução e adaptação Walcyr Carrasco. São Paulo: FTD, 2007.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.